

CAPÍTULO 7

Fromm: Psicanálise Humanista

- ◆ *Panorama da psicanálise humanista*

- ◆ *Biografia de Erich Fromm*

- ◆ *Pressupostos básicos de Fromm*

- ◆ *Necessidades humanas*

- Ligaçāo

- Transcendēncia

- Enraizamento

- Sentimento de identidade

- Estrutura de orientação

- Resumo das necessidades humanas

- ◆ *O fardo da liberdade*

- Mecanismos de fuga

- Autoritarismo

- Destruitividade

- Conformidade

- Liberdade positiva

- ◆ *Orientações do caráter*

- Orientações não produtivas

- Receptiva

- Exploradora

- Acumulativa

- Mercantil

- Orientação produtiva

- ◆ *Transtornos da personalidade*

- Necrofilia

- Narcisismo maligno

- Simbiose incestuosa



Fromm

- ◆ *Psicoterapia*

- ◆ *Métodos de investigação de Fromm*

- O caráter social em uma vila mexicana

- Um estudo psico-histórico de Hitler

- ◆ *Pesquisa relacionada*

- Estranhamento da cultura e bem-estar

- Autoritarismo e medo

- ◆ *Críticas a Fromm*

- ◆ *Conceito de humanidade*

- ◆ *Termos-chave e conceitos*

Por que a guerra? Por que as nações não se dão bem? Por que os povos de países diferentes não podem se relacionar entre si, se não de uma forma respeitosa pelo menos de uma forma aceitável? Como as pessoas podem evitar a violência que conduz e perpetua a matança no campo de batalha?

Quando um jovem ponderava sobre essas questões, uma guerra devastava sua terra natal. Essa luta armada que ele via em primeira mão era a I Guerra Mundial, a Grande Guerra, a Guerra do Fim de Todas as Guerras. Ele via que o povo de seu país – Alemanha – odiava os povos dos países inimigos – principalmente França e Inglaterra, e ele tinha certeza de que os povos da França e da Inglaterra detestavam o povo da Alemanha. A guerra não fazia qualquer sentido. Por que pessoas normalmente amistosas e racionais regrediam para essa matança despropositada?

Tais questões não foram as primeiras a ter incomodado o jovem. Ele também estava perdido tentando entender a morte de uma bela e jovem artista que se suicidou imediatamente após o falecimento do pai – um evento que deixou o menino de 12 anos confuso e perplexo. A jovem mulher – uma amiga da família do menino – era bonita e talentosa, enquanto seu pai era velho e sem atrativos. No entanto, ela deixou uma nota de suicídio dizendo que desejava ser enterrada com o pai. O menino não conseguia entender o desejo dela, nem suas ações. A bela artista parecia ter muito por que viver, mas ela escolheu a morte, em vez de uma vida sem o pai. Como a jovem mulher pôde tomar tal decisão?

Uma terceira experiência que ajudou a moldar a vida inicial daquele jovem foi o treinamento por professores talmúdicos. Ele foi especialmente tocado pelo tom compassivo e redentor dos profetas do Velho Testamento, Isaías, Oseias e Amós. Ainda que, mais tarde, ele tenha abandonado a religião institucionalizada, essas experiências precoces com os sábios talmúdicos, combinadas com o repúdio pela guerra e a perplexidade com o suicídio da jovem artista, contribuíram de modo substancial para a visão humanista de Erich Fromm.

PANORAMA DA PSICANÁLISE HUMANISTA

A tese básica de Erich Fromm é que as pessoas dos tempos modernos foram afastadas de sua união pré-histórica com a natureza e também umas das outras, embora tenham o poder de raciocínio, previsão e imaginação. Essa combinação de falta de instintos animais e presença do pensamento racional torna os humanos uma aberração do universo. A autoconsciência contribui para os sentimentos de solidão, isolamento e desamparo. Para escapar de tais sentimentos, as pessoas procuram se unir à natureza e aos seres humanos, seus companheiros.

Formado em psicanálise freudiana e influenciado por Karl Marx, Karen Horney e outros teóricos de orientação social, Fromm desenvolveu uma teoria da personalidade que enfatiza a influência dos fatores sociobiológicos, da história, da economia e da estrutura de classes. Sua **psicanálise humanista** pressupõe que a separação da humanidade do mundo natural produziu sentimentos de solidão e isolamento, uma condição denominada *ansiedade básica*.

Fromm foi mais do que um teórico da personalidade. Ele foi crítico social, psicoterapeuta, filósofo, estudioso da bíblia, antropólogo cultural e psicobiógrafo. Sua psicanálise humanista olha para as pessoas a partir de uma perspectiva histórica e cultural, em vez de estritamente psicológica. Ela é menos preocupada com o indivíduo e mais preocupada com as características que são comuns a uma cultura.

Fromm assume uma visão evolucionista da humanidade. Quando os humanos surgiram como uma espécie separada na evolução animal, eles perderam a maioria de seus instintos animais, porém ganharam “um aumento no desenvolvimento do cérebro que permitiu a autoconsciência, a imaginação, o planejamento e a dúvida” (Fromm, 1992, p. 5). Essa combinação de instintos fracos e cérebro altamente desenvolvido torna os humanos distintos de todos os outros animais.

Um evento mais recente na história humana foi a ascensão do capitalismo, que, por um lado, contribuiu para o aumento do tempo de lazer e a liberdade pessoal, mas, por outro, resultou em sentimentos de ansiedade, isolamento e impotência. O custo da liberdade, defendia Fromm, ultrapassou seus benefícios. O isolamento forjado pelo capitalismo foi intolerável, levando as pessoas a duas alternativas: (1) escapar da liberdade para dentro de dependências interpessoais ou (2) avançar para a autorrealização por meio de amor produtivo e trabalho produtivo.

BIOGRAFIA DE ERICH FROMM

Assim como a visão de todos os teóricos da personalidade, a concepção de natureza humana de Erich Fromm foi moldada pelas experiências da infância. Para Fromm, uma vida familiar judaica, o suicídio de uma jovem mulher e o extremo nacionalismo do povo alemão contribuíram para sua visão de humanidade.

Fromm nasceu em 23 de março de 1900, em Frankfurt, Alemanha, era filho único de pais judeus ortodoxos de classe média. Seu pai, Naphtali Fromm, era filho e neto de rabinos. Sua mãe, Rosa Krause Fromm, era sobrinha de Ludwig Krause, um estudioso talmúdico renomado. Quando menino, Fromm estudou o Velho Testamento com vários estudiosos proeminentes, homens que eram considerados “humanistas de tolerância extraordinária” (Landis & Tauber, 1971, p. xi). A psicologia humanista de

Fromm pode ser reconhecida nos textos desses profetas, “com sua visão de paz e harmonia universal e seus ensinamentos de que existem aspectos éticos na história – que as nações podem agir de modo certo ou errado e que a história possui suas leis morais” (p. x).

O início da infância de Fromm não foi exatamente ideal. Ele lembrava que teve “pais muito neuróticos” e que ele era “provavelmente uma criança neurótica de modo intolerável” (Evans, 1966, p. 56). Ele via seu pai como mal-humorado e sua mãe como inclinada à depressão. Além do mais, cresceu em dois mundos muito distintos: um era o mundo judeu ortodoxo tradicional; e o outro, o mundo capitalista moderno. Essa existência dividida criou tensões que eram quase insuportáveis, mas que geraram em Fromm uma tendência vitalícia a ver os eventos a partir de mais de uma perspectiva (Fromm, 1986; Hausdorff, 1972).

A vinheta de abertura do capítulo relatou o suicídio chocante e intrigante de uma jovem e atraente artista, que se matou para que pudesse ser enterrada com o pai, que tinha acabado de falecer. Como era possível que essa jovem pudesse preferir a morte a permanecer “viva para os prazeres da vida e da pintura?” (Fromm, 1962, p. 4). Essa pergunta assombrou Fromm pelos 10 anos seguintes e, por fim, levou a um interesse em Sigmund Freud e na psicanálise. Quando Fromm leu Freud, começou a aprender sobre o complexo de Édipo e a compreender como um evento assim poderia ser possível. Mais tarde, Fromm interpretou a dependência irracional que a jovem mulher tinha do pai como uma relação simbiótica não produtiva; mas, naqueles primeiros anos, ele se contentou com a explicação freudiana.

Fromm tinha 14 anos quando começou a I Guerra Mundial, muito jovem para lutar, mas não muito jovem para ser impressionado pela irracionalidade do nacionalismo alemão, que teve oportunidade de observar diretamente. Ele tinha certeza de que os britânicos e os franceses eram igualmente irracionais e, mais uma vez, foi atingido por uma pergunta perturbadora: “Como pessoas normalmente racionais e pacíficas podiam ser tão dominadas por ideologias nacionalistas, tão dispostas a matar, tão preparadas para morrer?”. “Quando a guerra terminou, em 1918, eu era um jovem profundamente preocupado e obcecado pela questão de como a guerra era possível, pelo desejo de entender a irracionalidade do comportamento em massa humano e por um desejo apaixonado pela paz e pelo entendimento internacional” (Fromm, 1962, p. 9).

Durante a adolescência, Fromm foi tocado profundamente pelos escritos de Freud e Karl Marx, mas também foi estimulado pelas diferenças entre os dois. Conforme avançava nos estudos, passava a questionar a validade dos dois sistemas. “Meu principal interesse estava claramente traçado. Eu queria compreender as leis que regem a vida do homem individual e as leis da sociedade” (Fromm, 1962, p. 9).

Após a guerra, Fromm se tornou socialista, embora, naquela época, tenha se recusado a ingressar no Partido

Socialista. Em vez disso, ele concentrou seus estudos em psicologia, filosofia e sociologia na Universidade de Heidelberg, onde obteve o grau de doutor em sociologia aos 22 ou 25 anos. (Fromm era uma pessoa tão reservada que seus biógrafos não concordam acerca de muitos fatos de sua vida [Hornstein, 2000].)

Ainda não confiante de que sua formação fosse suficiente para responder a perguntas tão perturbadoras quanto o suicídio de uma jovem mulher ou a insanidade da guerra, Fromm se voltou para a psicanálise, acreditando que ela prometia respostas às perguntas da motivação humana que não eram oferecidas em outros campos. De 1925 até 1930, ele estudou psicanálise, primeiro em Munique, depois em Frankfurt e, finalmente, no Instituto Psicanalítico de Berlim, onde foi analisado por Hanns Sachs, um aluno de Freud. Apesar de Fromm nunca ter se encontrado com Freud, a maioria de seus professores durante aqueles anos incluía adeptos rigorosos da teoria freudiana (Knapp, 1989).

Em 1926, o mesmo ano em que repudiou o judaísmo ortodoxo, Fromm se casou com Frieda Reichmann, sua analista, mais de 10 anos mais velha do que ele. Reichmann, mais tarde, obteria fama internacional por seu trabalho com pacientes esquizofrênicos. G. P. Knapp (1989) sustentava que Reichmann era claramente uma figura materna para Fromm e que ela até mesmo se parecia com a mãe dele. Gail Hornstein (2000) acrescentou que Fromm parecia ter ido diretamente da posição de predileto da mãe para relacionamentos com inúmeras mulheres mais velhas que o mimavam. De qualquer forma, o casamento de Fromm e Fromm-Reichmann não era feliz. Eles se separaram em 1930, mas só se divorciaram anos mais tarde, após ambos imigrarem para os Estados Unidos.

Em 1930, Fromm e vários outros fundaram o Instituto Alemão para Psicanálise, em Frankfurt, mas, com a ameaça nazista se tornando mais intensa, logo se mudaram para a Suíça, onde se associaram ao recentemente fundado Instituto de Pesquisa Social, em Genebra. Em 1933, Fromm aceitou um convite para fazer uma série de conferências no Instituto Psicanalítico de Chicago. No ano seguinte, imigrou para os Estados Unidos e abriu um consultório particular na cidade de Nova York.

Tanto em Chicago quanto em Nova York, Fromm retomou o contato com Karen Horney, a quem havia conhecido casualmente no Instituto Psicanalítico de Berlim. Horney, que era 15 anos mais velha do que Fromm, acabou se tornando uma forte figura materna e foi sua mentora (Knapp, 1989). Fromm juntou-se à recém-formada Associação para o Avanço da Psicanálise (AAP) de Horney em 1941. Ainda que ele e Horney tivessem sido amantes, em 1943, a discórdia dentro da associação os tornou rivais. Quando os alunos solicitaram que Fromm, que não possuía diploma de médico, desse um curso clínico, a organização se dividiu quanto a suas qualificações. Com Horney ficando contra ele, Fromm, junto a Harry Stack Sullivan, Clara Thompson

e vários outros membros, deixaram a AAP e imediatamente fizeram planos para dar início a uma organização alternativa (Quinn, 1987). Em 1946, esse grupo fundou o Instituto de Psiquiatria, Psicanálise e Psicologia William Alanson White, com Fromm presidindo tanto o corpo docente quanto a comissão de formação.

Em 1944, Fromm se casou com Henny Gurland, uma mulher dois anos mais moça do que ele e cujo interesse em religião e pensamento místico estimulou as inclinações de Fromm para o zen budismo. Em 1951, o casal se mudou para o México, em busca de um clima mais favorável para Gurland, que sofria de artrite reumatoide. Fromm se associou ao corpo docente da Universidade Nacional Autônoma na cidade do México, onde fundou um departamento psicanalítico no curso de medicina. Depois que sua esposa morreu, em 1952, ele continuou a viver no México e viajava entre sua casa em Cuernavaca e os Estados Unidos, onde exerceu várias funções acadêmicas, incluindo professor de psicologia na Universidade Estadual de Michigan, de 1957 a 1961, e professor adjunto na Universidade de Nova York, de 1962 a 1970. Enquanto estava no México, conheceu Annis Freeman, com quem se casou em 1953. Em 1968, Fromm sofreu um ataque cardíaco grave e foi forçado a reduzir o ritmo de sua agenda lotada. Em 1974 e ainda doente, ele e sua esposa se mudaram para Muralto, Suíça, onde ele morreu, em 18 de março de 1980, poucos dias antes de completar 80 anos.

Que tipo de pessoa era Erich Fromm? Aparentemente, diferentes pessoas o viam de formas bastante distintas. Hornstein (2000) listou inúmeros traços opostos que foram usados para descrever a personalidade de Fromm. De acordo com esse levantamento, Fromm era autoritário, gentil, pretensioso, arrogante, devoto, autocrático, tímido, sincero, hipócrita e brilhante.

Fromm começou sua carreira profissional como psicoterapeuta usando a técnica psicanalítica ortodoxa, mas, depois de 10 anos, tornou-se “entediado” com a abordagem freudiana e desenvolveu seus métodos mais ativos e confrontadores (Fromm, 1986, 1992; Sobel, 1980). Ao longo dos anos, suas ideias culturais, sociais, econômicas e psicológicas alcançaram um público amplo. Seus livros mais conhecidos são: *O medo à liberdade* (1941), *Análise do homem* (1947), *Psicanálise e religião* (1950), *A sociedade sadia* (*The Sane Society*, 1955), *A arte de amar* (1956), *Conceito marxista do homem* (1961), *O coração do homem* (1964), *Anatomia da destrutividade humana* (1973), *Ter ou ser* (1976) e *Do amor à vida* (1986).

A teoria da personalidade de Fromm se vale de muitas fontes, e talvez seja a teoria de mais ampla fundamentação abordada neste livro. Landis e Tauber (1971) destacaram cinco influências importantes no pensamento de Fromm: (1) o ensino dos rabinos humanistas; (2) o espírito revolucionário de Karl Marx; (3) as ideias igualmente revolucionárias de Sigmund Freud; (4) a racionalidade do zen budismo, conforme defendida por D. T. Suzuki, e (5) os textos

de Johann Jakob Bachofen (1815-1887) sobre sociedades matriarcais.

PRESSUPOSTOS BÁSICOS DE FROMM

O pressuposto mais básico de Fromm é que a personalidade individual pode ser compreendida somente à luz de história humana. “A discussão da situação humana deve preceder a da personalidade [e] a psicologia deve estar baseada em um conceito antropológico da existência humana” (Fromm, 1947, p. 45).

Fromm (1947) acreditava que os humanos, ao contrário dos outros animais, tinham sido “arrancados” de sua união pré-histórica com a natureza. Eles não possuem instintos poderosos para se adaptarem a um mundo em mudança; em vez disso, eles adquiriram a faculdade de pensar: uma condição chamada por Fromm de **dilema humano**. As pessoas experimentam esse dilema básico porque se separaram da natureza e, no entanto, apresentam a capacidade de ter consciência de si mesmas como seres isolados. Portanto, a capacidade humana de pensar é tanto uma bênção quanto uma maldição. Por um lado, ela permite que as pessoas sobrevivam, mas, por outro, ela as força a tentar resolver dicotomias básicas insolúveis. Fromm se referiu a essas forças opostas como “dicotomias existenciais”, porque elas estão enraizadas na própria existência das pessoas. Os humanos não podem eliminar essas dicotomias existenciais; eles podem somente reagir a elas, tendo em vista sua cultura e suas personalidades individuais.

A primeira e mais fundamental dicotomia é aquela entre a vida e a morte. A autoconsciência e a razão nos dizem que iremos morrer, mas tentamos negar essa dicotomia postulando a vida após a morte, uma tentativa que não altera o fato de que nossas vidas terminam com a morte.

Uma segunda dicotomia existencial é que os humanos são capazes de conceitualizar o objetivo da autorrealização completa, mas, ao mesmo tempo, têm a consciência de que a vida é muito curta para se atingir esse objetivo. “Somente se o tempo de vida de um indivíduo fosse idêntico ao da humanidade é que ele poderia participar do desenvolvimento humano que ocorre no processo histórico” (Fromm, 1947, p. 42). Algumas pessoas tentam resolver essa dicotomia assumindo que seu próprio período histórico é a conquista suprema da humanidade, enquanto outras postulam uma continuação do desenvolvimento após a morte.

A terceira dicotomia existencial é que as pessoas estão, em última análise, sozinhas, embora não consigam tolerar o isolamento. Elas têm consciência de si como indivíduos separados e, ao mesmo tempo, acreditam que sua felicidade depende de se unirem a outros humanos, seus semelhantes. Mesmo que as pessoas não possam resolver completamente o problema da solidão versus união, elas precisam fazer uma tentativa ou correr o risco de enlouquecer.

NECESSIDADES HUMANAS

Como animais, os humanos são motivados por necessidades fisiológicas, tais como fome, sexo e segurança; porém, eles nunca conseguem resolver seu dilema humano satisfazendo essas necessidades animais. Somente as *necessidades humanas* distintivas podem mover as pessoas em direção à reunião com o mundo natural. Tais **necessidades existenciais** emergiram durante a evolução da cultura humana, provenientes das tentativas do homem de encontrar uma resposta para sua existência e evitar a loucura. Na verdade, Fromm (1955) defendia que uma diferença importante entre os indivíduos de mentalidade sadia e aqueles neuróticos ou insanos é que as pessoas saudáveis encontram respostas para sua existência – respostas que correspondem mais completamente a suas necessidades humanas totais. Em outras palavras, os indivíduos saudáveis são mais capazes de encontrar formas de se reunirem ao mundo resolvendo produtivamente as necessidades humanas de *ligação, transcendência, enraizamento, sentimento de identidade e estrutura de orientação*.

Ligação

A primeira necessidade humana, ou existencial, é a **ligação**, o impulso para a união com outras pessoas. Fromm postulou três formas básicas por meio das quais uma pessoa pode se relacionar com o mundo: (1) submissão, (2) poder e (3) amor. Uma pessoa pode se submeter a outra, a um grupo ou a uma instituição para se tornar única com o mundo. “Dessa maneira, ela transcende a separação de sua existência individual, tornando-se parte de alguém ou algo maior do que ela mesma, e experimenta sua identidade em conexão com a força à qual se submeteu” (Fromm, 1981, p. 2).

Enquanto as pessoas submissas procuram um relacionamento com indivíduos dominadores, aquelas que buscam o poder acolhem os parceiros submissos. Quando uma pessoa submissa e um indivíduo dominador se encontram, com frequência estabelecem uma *relação simbiótica*, a qual é satisfatória para ambos. Ainda que essa simbiose possa ser gratificante, ela bloqueia o crescimento em direção à integridade e à saúde psicológica. Os dois parceiros “vivem um no outro e um para o outro, satisfazendo sua ânsia de intimidade, embora sofrendo de falta de força interna e autoconfiança, que exigem liberdade e independência” (Fromm, 1981, p. 2).

As pessoas em relações simbióticas são atraídas uma para a outra não pelo amor, mas por uma necessidade desesperada de ligação, uma necessidade que nunca pode ser completamente satisfeita por essa parceria. Subjacentes à união, encontram-se sentimentos inconscientes de hostilidade. As pessoas em relações simbióticas acusam seus parceiros de não serem capazes de satisfazer plenamente suas necessidades. Elas acabam procurando submissão ou

poder adicional e, em consequência, tornam-se cada vez mais dependentes dos parceiros e cada vez menos um indivíduo.

Fromm acreditava que o **amor** é o único caminho pelo qual uma pessoa pode se unir ao mundo e, ao mesmo tempo, atingir individualidade e integridade. Ele definiu amor como uma “união com alguém ou algo externo a si *com a condição de manter a separação e a integridade do próprio self*” (Fromm, 1981, p. 3). Amor envolve compartilhamento e comunhão com o outro, embora permita à pessoa a liberdade de ser única e separada. Ele possibilita que uma pessoa satisfaça a necessidade de ligação sem abdicar da integridade e da independência. No amor, duas pessoas se tornam uma enquanto continuam a ser duas.

Em *A arte de amar*, Fromm (1956) identificou cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento como os quatro elementos básicos comuns a todas as formas de amor genuíno. Alguém que ama outra pessoa precisa cuidar e estar disposto a tomar conta dela. Amor também significa **responsabilidade**, ou seja, uma disposição e capacidade para responder. Uma pessoa que ama as outras responde às necessidades físicas e psicológicas delas, respeita-as pelo que são e evita a tentação de tentar mudá-las. Contudo, as pessoas só podem respeitar as outras se tiverem *conhecimento* delas. Conhecer os outros significa vê-los a partir do ponto de vista deles. Assim, cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento estão todos interligados em uma relação de amor.

Transcendência

Tal como outros animais, os humanos são jogados no mundo sem seu consentimento ou desejo e, depois, são removidos dele – novamente sem seu consentimento ou sua vontade. Mas, ao contrário de outros animais, os seres humanos são impulsionados pela necessidade de **transcendência**, definida como a ânsia de se colocar acima de uma existência passiva e acidental e entrar no “reino da intencionalidade e da liberdade” (Fromm, 1981, p. 4). Assim como a ligação pode ser perseguida por meio de métodos produtivos ou não produtivos, a transcendência pode ser buscada mediante abordagens positivas ou negativas. As pessoas podem transcender sua natureza passiva criando vida ou destruindo-a. Mesmo que outros animais possam criar vida por meio da reprodução, somente os humanos estão conscientes de si como criadores. Além disso, os humanos podem ser criativos de outras maneiras. Eles podem criar arte, religiões, ideias, leis, bens materiais e amor.

Criar significa sermos ativos e nos importarmos com o que criamos. Mas também podemos transcender a vida destruindo-a e, assim, nos colocando acima de nossas vítimas mortas. Em *Anatomia da destrutividade humana*, Fromm (1973) argumentou que os humanos são a única

espécie a usar a **agressividade maligna**, ou seja, matar por outras razões além da sobrevivência. Apesar de a agressividade maligna ser uma paixão dominante e poderosa em alguns indivíduos e culturas, ela não é comum a todos os humanos. Ao que parece, ela era desconhecida para muitas sociedades pré-históricas, além de algumas sociedades “primitivas” contemporâneas.

Enraizamento

Uma terceira necessidade existencial é o **enraizamento**, ou a necessidade de estabelecer raízes ou se sentir em casa novamente no mundo. Quando os humanos evoluíram como uma espécie separada, eles perderam seu lar no mundo natural. Ao mesmo tempo, sua capacidade para o pensamento possibilitou aos humanos perceberem que estavam sem um lar, sem raízes. Os sentimentos consequentes de isolamento e desamparo se tornaram insuportáveis.

O enraizamento também pode ser procurado por meio de estratégias produtivas ou não produtivas. Com a estratégia produtiva, as pessoas se desprendem da órbita da mãe para nascerem integralmente; isto é, elas se relacionam de modo ativo e criativo com o mundo e se tornam inteiras ou integradas. Esse novo vínculo com o mundo natural confere segurança e restabelece um sentimento de pertencimento e enraizamento. No entanto, as pessoas também podem procurar enraizamento por meio da estratégia não produtiva de **fixação** – uma relutância tenaz em avançar para além da segurança protetora proporcionada pela mãe. As pessoas que buscam o enraizamento por meio da fixação têm “medo de dar o passo seguinte ao nascimento, de serem desmamadas do seio da mãe. [Elas]... possuem uma ânsia profunda de serem atendidas, cuidadas, protegidas por uma figura maternal; elas são as que aparecem ser independentes, mas que ficam com medo e inseguras quando a proteção materna é retirada” (Fromm, 1955, p. 40).

O enraizamento também pode ser observado filogeneticamente na evolução da espécie humana. Fromm concordava com Freud no sentido de que os desejos incestuosos são universais, mas discordava da crença freudiana de que eles fossem essencialmente sexuais. De acordo com Fromm (1955, p. 40-41), os sentimentos incestuosos estão fundamentados na “ânsia arraigada de permanecer no, ou retornar ao, útero, que tudo envolve, ou no seio, que tudo nutre”. Fromm foi influenciado pelas ideias de Johann Jakob Bachofen (1861/1967) sobre as primeiras sociedades matriarcais. Ao contrário de Freud, que acreditava que as sociedades primitivas eram patriarcais, Bachofen sustentava que a mãe era a figura central nesses grupos sociais antigos. Era ela quem provia o enraizamento para seus filhos e os motivava a desenvolverem sua individualidade e pensamento ou a ficarem fixados e incapazes de um crescimento psicológico.

A forte predileção de Fromm (1997) pela teoria de Bachofen da situação edípica centrada na mãe comparada

com a concepção de Freud centrada no pai é coerente com sua preferência por mulheres mais velhas. A primeira esposa de Fromm, Frieda Fromm-Reichmann, era 10 anos mais velha do que ele, e a sua amante por um longo tempo, Karen Horney, tinha 15 anos mais. A concepção de Fromm do complexo de Édipo como um desejo de retornar ao útero ou ao seio materno ou a uma pessoa com uma função de maternagem deve ser entendida à luz de sua atração por mulheres mais velhas.

Sentimento de identidade

A quarta necessidade humana é por um **sentimento de identidade**, ou a capacidade de termos consciência de nós mesmos como uma entidade separada. Como fomos afastados da natureza, precisamos formar um conceito de nosso *self*, sermos capazes de dizer: “Sou eu” ou “Sou o sujeito de minhas ações”. Fromm (1981) acreditava que as pessoas primitivas se identificavam mais intimamente com seu clã e não se viam como indivíduos que existissem à parte de seu grupo. Mesmo durante a época medieval, as pessoas eram identificadas, em grande parte, por seu papel social na hierarquia feudal. Em concordância com Marx, Fromm defendia que a ascensão do capitalismo deu às pessoas mais liberdade econômica e política. No entanto, essa liberdade só forneceu a uma minoria de pessoas um verdadeiro sentimento de “eu”. A identidade da maioria das pessoas ainda reside na vinculação aos outros ou a instituições como nação, religião, ocupação ou grupo social.

Em vez da identidade pré-individualista do clã, desenvolve-se uma nova identidade gregária, em que o sentimento de identidade repousa sobre o sentimento de um inquestionável pertencimento ao grupo. O fato de essa uniformidade e conformidade frequentemente não serem reconhecidas como tais e de serem cobertas pela ilusão da individualidade não altera os fatos. (p. 9)

Sem um sentimento de identidade, as pessoas não poderiam manter sua sanidade, e essa ameaça constitui uma motivação poderosa para fazer quase tudo para adquirir um sentimento de identidade. Os neuróticos tentam se ligar a pessoas poderosas ou a instituições sociais ou políticas. As pessoas sadias, no entanto, têm menos necessidade de se adequar ao rebanho, menos necessidade de abandonar seu sentimento de *self*. Elas não precisam abrir mão de sua liberdade e individualidade para se enquadrarem na sociedade, porque elas possuem um sentimento de identidade autêntico.

Estrutura de orientação

A necessidade humana final é por uma **estrutura de orientação**. Sendo dissociados da natureza, os humanos precisam de um mapa, uma estrutura de orientação, para trilhar seu caminho pelo mundo. Sem esse mapa, os humanos seriam “confusos e incapazes de agir de modo

proposital e coerente" (Fromm, 1973, p. 230). Uma estrutura de orientação possibilita que as pessoas organizem os vários estímulos que lhes são impingidos. As pessoas que possuem uma estrutura de orientação sólida conseguem compreender esses eventos e fenômenos, mas aquelas que não possuem uma estrutura de orientação confiável se esforçam para colocar tais eventos dentro de algum tipo de estrutura para poder comprehendê-los. Por exemplo, um norte-americano com uma estrutura de orientação frágil e pouca compreensão da história pode tentar entender os eventos de 11 de setembro de 2001 atribuindo-os a pessoas "más" ou "cruéis".

Cada pessoa possui uma filosofia, uma forma coerente de olhar para as coisas. Muitas pessoas tomam por certa essa filosofia ou estrutura de referência, de modo que tudo que entra em conflito com a sua visão é julgado como "louco" ou "absurdo". Tudo o que for coerente com ela é visto simplesmente como "bom senso". As pessoas farão quase tudo para adquirir e manter uma estrutura de orientação, mesmo indo ao extremo de seguir filosofias irracionais ou bizarras, como as defendidas por líderes políticos ou religiosos fanáticos.

Um mapa sem um *objetivo* ou destino não possui valor. Os humanos têm a capacidade mental de imaginar muitos caminhos alternativos a seguir. Para impedir que fiquem insanos, no entanto, eles precisam de um objetivo final ou "objeto de devoção" (Fromm, 1976, p. 137). De acordo com Fromm, esse objetivo ou objeto de devoção canaliza as energias da pessoa em uma única direção, capacita o indivíduo a transcender sua existência isolada e confere significado a sua vida.

Resumo das necessidades humanas

Além das necessidades fisiológicas ou animais, as pessoas são motivadas por cinco necessidades distintivamente humanas – ligação, transcendência, enraizamento, um sentimento de identidade e uma estrutura de orientação. Essas necessidades evoluíram da existência humana como uma espécie separada e têm como objetivo mover as pessoas em direção a uma vinculação com o mundo natural. Fromm acreditava que a falta de satisfação em alguma dessas necessidades era intolerável e resultava em loucura. Assim, as pessoas são fortemente impulsionadas a satisfazê-las de uma forma ou outra, de forma positiva ou negativa.

A Tabela 7.1 mostra que a ligação pode se satisfazer por submissão, dominação ou amor, mas somente o amor produz a satisfação autêntica; a transcendência pode ser satisfeita pela destrutividade ou pela criatividade, mas apenas esta última permite a alegria; o enraizamento pode ser satisfeito pela fixação à mãe ou avançando para o nascimento completo e a totalidade; o sentimento de identidade pode ser fundamentado na adaptação ao grupo ou pode ser satisfeito por meio do movimento criativo em direção à individualidade; e uma estrutura de orientação pode ser irracional ou racional, mas somente uma filosofia racional pode servir como base para o crescimento da personalidade total (Fromm, 1981).

O FARDO DA LIBERDADE

A tese central dos textos de Fromm é que os humanos foram afastados da natureza, embora continuem sendo parte do mundo natural, sujeitos às mesmas limitações físicas que os outros animais. Como o único animal que possui autoconsciência, imaginação e razão, os humanos são "aberrações do universo" (Fromm, 1955, p. 23). A razão é tanto uma bênção quanto uma maldição. Ela é responsável por sentimentos de isolamento e solidão, mas é também o processo que possibilita aos humanos se unirem novamente ao mundo.

Do ponto de vista histórico, conforme as pessoas foram adquirindo cada vez mais liberdade econômica e política, elas passaram a se sentir cada vez mais isoladas. Por exemplo, durante a Idade Média, as pessoas tinham relativamente pouca liberdade pessoal. Elas estavam ancoradas em papéis prescritos na sociedade, os quais proporcionavam segurança, confiabilidade e certeza. Então, quando adquiriram mais *liberdade para* se movimentar social e geograficamente, elas descobriram que estavam *livres da* segurança de uma posição fixa no mundo. Elas não mais estavam amarradas a uma região geográfica, a uma ordem social ou a uma ocupação. Elas foram separadas de suas raízes e se isolaram umas das outras.

Existe uma experiência paralela em nível pessoal. Quando as crianças se tornam mais independentes da mãe, elas ganham mais *liberdade para* expressarem sua individualidade, movimentarem-se sem supervisão, escolherem seus amigos e suas roupas, e assim por diante.

TABELA 7.1 Resumo das necessidades humanas de Fromm

	Componentes negativos	Componentes positivos
Ligação	Submissão ou dominação	Amor
Transcendência	Destruividade	Criatividade
Enraizamento	Fixação	Totalidade
Sentimento de identidade	Adaptação a um grupo	Individualidade
Estrutura de orientação	Objetivos irracionais	Objetivos racionais

Ao mesmo tempo, experimentam o fardo da liberdade; isto é, elas estão *livres* da segurança de ser um com a mãe. Tanto no nível social quanto individual, esse fardo da liberdade resulta em **ansiedade básica**, o sentimento de estar sozinho no mundo.

Mecanismos de fuga

Como a ansiedade básica produz um sentimento assustador de isolamento e solidão, as pessoas tentam escapar da liberdade por meio de uma variedade de mecanismos de fuga. Em *O medo à liberdade*, Fromm (1941) identificou três mecanismos primários de fuga: autoritarismo, destrutividade e conformidade. Diferentemente das tendências neuróticas de Horney (ver Cap. 6), os mecanismos de fuga de Fromm são forças impulsionadoras em pessoas normais, tanto individual quanto coletivamente.

Autoritarismo

Fromm (1941) definiu **autoritarismo** como a “tendência a abandonar a independência do próprio *self* individual e fundi-lo com alguém ou algo fora de si para adquirir a força que o indivíduo não possui” (p. 141). Essa necessidade de se unir a um parceiro poderoso pode assumir uma das duas seguintes formas: masoquismo ou sadismo. O *masoquismo* resulta de sentimentos básicos de impotência, fraqueza e inferioridade e tem como objetivo a união do *self* com uma pessoa ou instituição mais poderosa. Os esforços masoquistas com frequência são disfarçados como amor ou lealdade, mas, ao contrário do amor e da lealdade, eles nunca podem contribuir de modo positivo para a independência e a autenticidade.

Comparado ao masoquismo, o *sadismo* é mais neurótico e mais prejudicial socialmente. Assim como o masoquismo, o sadismo objetiva a redução da ansiedade básica por meio da aquisição da unidade com outras pessoas. Fromm (1941) identificou três tipos de tendências sádicas, todas elas mais ou menos agrupadas. A primeira é a necessidade de tornar os outros dependentes de si e obter poder sobre aqueles que são fracos. A segunda é a compulsão a explorar os outros, a tirar vantagem deles e a usá-los para o próprio benefício ou prazer. A terceira tendência sádica é o desejo de ver os outros sofrerem, física ou psicologicamente.

Destrutividade

Como o autoritarismo, a **destrutividade** está enraizada nos sentimentos de solidão, isolamento e impotência. Diferentemente do sadismo e do masoquismo, no entanto, a destrutividade não depende de uma relação contínua com outra pessoa; em vez disso, ela procura acabar com a outra pessoa.

Tanto indivíduos quanto nações podem empregar a destrutividade como mecanismo de fuga. Ao destruir pessoas e objetos, um indivíduo ou uma nação tenta recuperar

os sentimentos de poder perdidos. Entretanto, ao destruir outras pessoas ou nações, os indivíduos destrutivos eliminam muito do mundo exterior e, assim, adquirem um tipo de isolamento pervertido.

Conformidade

Um terceiro meio de fuga é a **conformidade**. As pessoas que se conformam tentam fugir de um sentimento de solidão e isolamento, desistindo da sua individualidade e se tornando aquilo que os outros desejam que elas sejam. Assim, elas são como robôs, reagindo de forma previsível e mecânica aos caprichos dos outros. Elas raramente expressam sua própria opinião, apegam-se a padrões de comportamento esperados e, com frequência, parecem rígidas e automatizadas.

No mundo moderno, as pessoas estão desimpedidas de muitos vínculos externos e são livres para agir de acordo com a própria vontade, mas, ao mesmo tempo, elas não sabem o que querem, pensam ou sentem. Elas se conformam como autômatos a uma autoridade anônima e adotam um *self* que não é autêntico. Quanto mais elas se conformam, mais impotentes se sentem; quanto mais impotentes se sentem, mais elas precisam se conformar. As pessoas sómente podem romper esse ciclo de conformidade e impotência atingindo a autorrealização ou a liberdade positiva (Fromm, 1941).

Liberdade positiva

A emergência da liberdade política e econômica não conduz, inevitavelmente, às amarras do isolamento e da impotência. Uma pessoa “pode ser livre e não sozinha, crítica e ainda não ser cheia de dúvidas, independente e ainda ser parte integrante da humanidade” (Fromm, 1941, p. 257). As pessoas podem atingir esse tipo de liberdade, chamada de **liberdade positiva**, por meio de uma expressão espontânea e completa de suas potencialidades racionais e emocionais. A atividade espontânea costuma ser vista em crianças pequenas e em artistas que têm pouca ou nenhuma tendência a se conformarem ao que os outros desejam que eles sejam. Eles agem de acordo com sua natureza básica, e não segundo as regras convencionais.

A liberdade positiva representa uma solução de sucesso para o dilema humano de fazer parte do mundo natural e ainda estar apartado dele. Por meio da liberdade positiva e da atividade espontânea, as pessoas superam o terror da solidão, alcançam a união com o mundo e mantêm a individualidade. Fromm (1941) sustentava que o amor e o trabalho são os dois componentes da liberdade positiva. Pelo amor e pelo trabalho ativos, os humanos se unem uns aos outros e com o mundo, sem sacrificarem sua integridade. Eles afirmam sua singularidade como indivíduos e atingem a realização integral de suas potencialidades.

ORIENTAÇÕES DO CARÁTER

Na teoria de Fromm, a personalidade é refletida na **orientação do caráter**, ou seja, na forma relativamente permanente de um indivíduo se relacionar com as pessoas e as coisas. Fromm (1947) definiu personalidade como “a totalidade de qualidades psíquicas herdadas e adquiridas que são características de um indivíduo e que tornam o indivíduo único” (p. 50). A mais importante das qualidades adquiridas da personalidade é o **caráter**, definido como “*o sistema relativamente permanente de todos os esforços não instintivos, por meio dos quais o homem se relaciona com o mundo humano e natural*” (Fromm, 1973, p. 226). Fromm (1992) acreditava que o caráter é um substituto dos instintos. Em vez de agir de acordo com seus instintos, as pessoas atuam de acordo com seu caráter. Se elas tivessem que pensar sobre as consequências de seu comportamento, suas ações seriam muito ineficientes e incoerentes. Agindo de acordo com seus traços de caráter, os humanos podem se comportar de modo eficiente e coerente.

As pessoas se relacionam com o mundo de duas maneiras: adquirindo e usando as coisas (*assimilação*) e relacionando-se com o *self* e com os outros (*socialização*). Em termos gerais, os indivíduos podem se relacionar com as coisas e com as pessoas de modo produtivo ou não produtivo.

Orientações não produtivas

É possível adquirir as coisas por meio de uma das quatro orientações não produtivas: (1) recebendo as coisas passivamente; (2) *explorando*, ou tomando as coisas à força; (3) acumulando os objetos; e (4) comercializando ou trocando coisas. Fromm usou a expressão “não produtiva” para sugerir estratégias que não aproximam as pessoas da liberdade positiva e da autorrealização. No entanto, as orientações não produtivas não são inteiramente negativas; cada uma tem tanto um aspecto negativo quanto um aspecto positivo. A personalidade é sempre uma mistura ou uma combinação de diversas orientações, mesmo que uma delas seja dominante.

Receptiva

Os **caracteres receptivos** consideram que a origem de todo o bem está fora deles e que o único modo possível de se relacionarem com o mundo é recebendo as coisas, incluindo amor, conhecimento e bens materiais. Eles são mais preocupados com receber do que com dar e querem que os outros os inundem com amor, ideias e presentes.

As qualidades negativas das pessoas receptivas são passividade, submissão e falta de autoconfiança. Seus traços positivos são lealdade, aceitação e confiança.

Exploradora

Assim como as pessoas receptivas, os **caracteres exploradores** acreditam que a origem de todo o bem está fora

deles. Ao contrário das pessoas receptivas, no entanto, os exploradores tomam agressivamente o que desejam, em vez de recebê-lo de modo passivo. Em suas relações sociais, é provável que usem astúcia ou força para tomarem o cônjuge, as ideias ou a propriedade de alguém. Um homem explorador pode “se apaixonar” por uma mulher casada, não tanto porque está realmente interessado nela, mas porque deseja explorar o marido dela. No terreno das ideias, as pessoas exploradoras preferem roubar ou plagiar, em vez de criar. Diferentes dos caracteres receptivos, elas estão dispostas a expressar uma ideia, mas esta costuma ser uma ideia que foi surrupiada.

Pelo lado negativo, os caracteres exploradores são egocêntricos, vaidosos, arrogantes e sedutores. Pelo lado positivo, são impulsivos, orgulhosos, charmosos e autoconfiantes.

Acumulativa

Em lugar de valorizarem as coisas externas a eles, os **caracteres acumuladores** procuram poupar aquilo que já obtiveram. Eles mantêm tudo guardado e não se desfazem de nada. Eles guardam dinheiro, sentimentos e pensamentos para si mesmos. Em uma relação amorosa, tentam possuir a pessoa amada e preservar a relação, em vez de permitir que ela evolua. Tendem a viver no passado e a rejeitar o que é novo. Eles são semelhantes aos caracteres anais de Freud, pois se mostram excessivamente organizados, teimosos e avarentos. Fromm (1964), no entanto, acreditava que os traços anais dos caracteres acumuladores não são resultado de impulsos sexuais, mas fazem parte de seu interesse geral em tudo o que não é vivo, incluindo as fezes.

Os traços negativos da personalidade acumuladora incluem rigidez, esterilidade, obstinação, compulsividade e falta de criatividade; as características positivas são organização, limpeza e pontualidade.

Mercantil

Os **caracteres mercantis** são fruto do comércio moderno, no qual a transação não é mais pessoal, mas realizada por grandes corporações sem rosto. Coerentes com as demandas do comércio moderno, os caracteres mercantis se veem como produtos, com seu valor pessoal dependendo de seu valor de troca, isto é, sua capacidade de se venderem.

As personalidades mercantis, ou de troca, precisam se ver sob constante demanda; elas precisam fazer os outros acreditarem que são habilidosas e vendáveis. Sua segurança pessoal repousa sobre um terreno instável, porque elas precisam ajustar sua personalidade ao que está em moda no momento. Elas desempenham muitos papéis e são guiadas pelo lema: “Sou como você deseja que eu seja” (Fromm, 1947, p. 73).

As pessoas com caráter mercantil não têm passado ou futuro e não possuem princípios ou valores permanentes.

Elas apresentam menos traços positivos do que as outras orientações, porque são, basicamente, recipientes vazios esperando para serem preenchidos com a característica que for mais comercializável.

Os traços negativos dos caracteres mercantis são: falta de perspectiva, oportunismo, inconsistência e desperdício. Algumas de suas qualidades positivas são: mutabilidade, liberalidade, adaptabilidade e generosidade.

Orientação produtiva

A orientação produtiva possui três dimensões: trabalhar, amar e pensar. Como as pessoas produtivas trabalham em direção à liberdade positiva e a uma realização contínua de seu potencial, elas são as mais sadias de todos os tipos de caráter. Somente por meio da atividade produtiva, as pessoas podem resolver o dilema humano básico, ou seja, unir-se com o mundo e com os outros, ao mesmo tempo mantendo a singularidade e a individualidade. Essa solução apenas pode ser alcançada por meio de trabalho, amor e pensamento produtivos.

As pessoas sadias valorizam o *trabalho* não como um fim em si, mas como um meio de autoexpressão criativa. Elas não trabalham para explorar os outros, para se comercializarem, para se afastarem dos outros ou para acumular bens materiais desnecessários. Elas não são preguiçosas, nem compulsivamente ativas; elas usam o trabalho como um meio de suprir as necessidades da vida.

O *amor* produtivo é caracterizado pelas quatro qualidades amorosas discutidas anteriormente: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento. Além dessas quatro características, as pessoas sadias possuem **biofilia**, ou seja, um amor apaixonado pela vida e por tudo o que está vivo. As pessoas biofílicas desejam promover toda a vida – a vida das pessoas, dos animais, das plantas, das ideias e das culturas. Elas são preocupadas com o crescimento e o desenvolvimento delas mesmas e também dos outros. Os indivíduos biofílicos querem influenciar as pessoas por meio do amor, da razão e do exemplo – não pela força.

Fromm acredita que o amor pelos outros e o amor por si mesmo são inseparáveis, mas que o amor a si vem primeiro. Todas as pessoas têm a capacidade de amor produtivo, mas a maioria não o atinge, porque não consegue, a princípio, amar a si mesmas.

O *pensamento* produtivo, que não pode ser separado do trabalho e do amor produtivos, é motivado por um interesse ativo em outra pessoa ou objeto. As pessoas sadias veem os outros como eles são, e não como elas gostariam que fossem. Do mesmo modo, elas se conhecem pelo que são e não têm a necessidade de se autoiludirem.

Fromm (1947) acreditava que as pessoas sadias dependem de uma combinação das cinco orientações do caráter. Sua sobrevivência como indivíduos sadios depende

da capacidade de *receber* as coisas das outras pessoas, de *tomar* as coisas, quando apropriado, de *preservar* as coisas, de *trocar* as coisas e de *trabalhar, amar e pensar* produtivamente.

TRANSTORNOS DA PERSONALIDADE

Se as pessoas sadias são capazes de trabalhar, amar e pensar produtivamente, então as personalidades não sadias são marcadas por problemas nessas três áreas, em especial a falha em amar de modo produtivo. Fromm (1981) sustentava que as pessoas com perturbações psicológicas eram incapazes de amar e não conseguiam estabelecer uma união com os outros. Ele discutiu três transtornos da personalidade graves: *necrofilia*, *narcisismo maligno* e *simbiose incestuosa*.

Necrofilia

O termo “necrofilia” significa amor pela morte e, em geral, se refere a uma perversão sexual na qual uma pessoa deseja contato sexual com um cadáver. Entretanto, Fromm (1964, 1973) usou **necrofilia** em um sentido mais generalizado, para denotar uma atração pela morte. Necrofilia é uma orientação de caráter alternativa à *biofilia*. As pessoas naturalmente amam a vida, mas, quando condições sociais tolhem a *biofilia*, elas podem adotar uma orientação necrofílica.

As personalidades necrofílicas odeiam a humanidade; elas são racistas, belicistas e intimidadoras; elas amam a carnificina, a destruição, o terror e a tortura e têm prazer em destruir a vida. Elas são fortes defensoras da lei e da ordem; adoram conversar sobre doença, morte e enterros; e são fascinadas por sujeira, decadência, cadáveres e fezes. Elas preferem a noite ao dia e adoram operar na escuridão e na sombra.

As pessoas necrófilas não se comportam simplesmente de uma maneira destrutiva; antes, seu comportamento destrutivo é um reflexo de seu caráter básico. Todas as pessoas se comportam de forma agressiva e destrutiva às vezes, mas o estilo de vida integral do indivíduo necrófilo gira em torno de morte, destruição, doença e decadência.

Narcisismo maligno

Da mesma forma que todas as pessoas exibem algum comportamento necrofílico, todas também têm algumas tendências narcisistas. As pessoas sadias manifestam uma forma benigna de **narcisismo**, ou seja, um interesse pelo próprio corpo. No entanto, na forma maligna, o narcisismo impede a percepção da realidade, de modo que tudo o que pertence a uma pessoa narcisista é altamente valorizado e tudo o que pertence a outro indivíduo é desvalorizado.

Os indivíduos narcisistas são preocupados consigo mesmos, mas essa preocupação não está limitada a se admirarem em um espelho. A preocupação com o próprio corpo com frequência leva a **hipocondria**, ou uma atenção obsessiva à própria saúde. Fromm (1964) também discutiu a **hipocondria moral**, uma preocupação com *culpa* acerca de transgressões prévias. As pessoas que são fixadas em si mesmas têm maior probabilidade de internalizar as experiências e se prenderem à saúde física e às virtudes morais.

As pessoas narcisistas possuem o que Horney (ver Cap. 6) denominou “reivindicações neuróticas”. Elas atingem a segurança apegando-se à crença distorcida de que suas qualidades pessoais extraordinárias as tornam superiores a todas as outras pessoas. Como o que elas têm – aparência, psique, saúde – é tão maravilhoso, elas acreditam que não precisam *fazer* nada para provar seu valor. Seu senso de valor depende de sua autoimagem narcisista e não de suas realizações. Quando seus esforços são criticados pelos outros, elas reagem com raiva e fúria, frequentemente atacando seus críticos e tentando destruí-los. Se a crítica é esmagadora, os narcisistas podem ser incapazes de destruí-la e, então, voltam sua raiva contra si mesmos. O resultado é *depressão*, um sentimento de desvalorização. Ainda que depressão, culpa intensa e hipocondria aparentemente nada tenham a ver com autoglorificação, Fromm acreditava que cada uma delas podia ser sintomática de narcisismo subjacente profundo.

Simbiose incestuosa

Uma terceira orientação patológica é a **simbiose incestuosa**, ou uma extrema dependência da mãe ou de um substituto materno. A simbiose incestuosa é uma forma exagerada da mais comum e mais benigna *fixação à mãe*. Os homens com fixação na mãe precisam de uma mulher que cuide deles e os admire; eles se sentem um tanto an-

siosos e deprimidos quando suas necessidades não são atendidas. Essa condição é relativamente normal e não interfere muito na vida diária.

Com a simbiose incestuosa, no entanto, as pessoas são inseparáveis do indivíduo *hospedeiro*; sua personalidade é misturada com a da outra pessoa e sua identidade individual é perdida. A simbiose incestuosa se origina nos primeiros meses de vida como um apego natural à pessoa que realiza a maternagem. O apego é mais crucial e fundamental do que qualquer interesse sexual que possa se desenvolver durante o período edípico. Fromm discordava de Freud, sugerindo que o apego à mãe se baseia na necessidade de segurança, e não de sexo. “A busca sexual não é a causa da fixação na mãe, mas o *resultado*” (Fromm, 1964, p. 99).

As pessoas que vivem em relações simbióticas incestuosas sentem-se extremamente ansiosas e amedrontadas se essa relação for ameaçada. Elas acreditam que não conseguem viver sem o substituto da mãe. (O hospedeiro não precisa ser outro humano, ele pode ser uma família, um negócio, uma igreja, uma nação.) A orientação incestuosa distorce a habilidade de pensar, destrói a capacidade de amor autêntico e impede as pessoas de atingirem independência e integridade.

Alguns indivíduos patológicos apresentam os três transtornos da personalidade; ou seja, eles são atraídos pela morte (necrofilia), têm prazer em destruir aqueles a quem consideram inferiores (narcisismo maligno) e possuem uma relação simbiótica neurótica com a mãe ou com um substituto dela (simbiose incestuosa). Tal caso forma o que Fromm denominou de *síndrome de decadência*. Ele opõe as pessoas patológicas às que são marcadas pela *síndrome de crescimento*, composta pelas qualidades opostas: biofilia, amor e liberdade positiva. Conforme apresentado na Figura 7.1, a síndrome de decadência e a síndrome de crescimento são formas extremas do

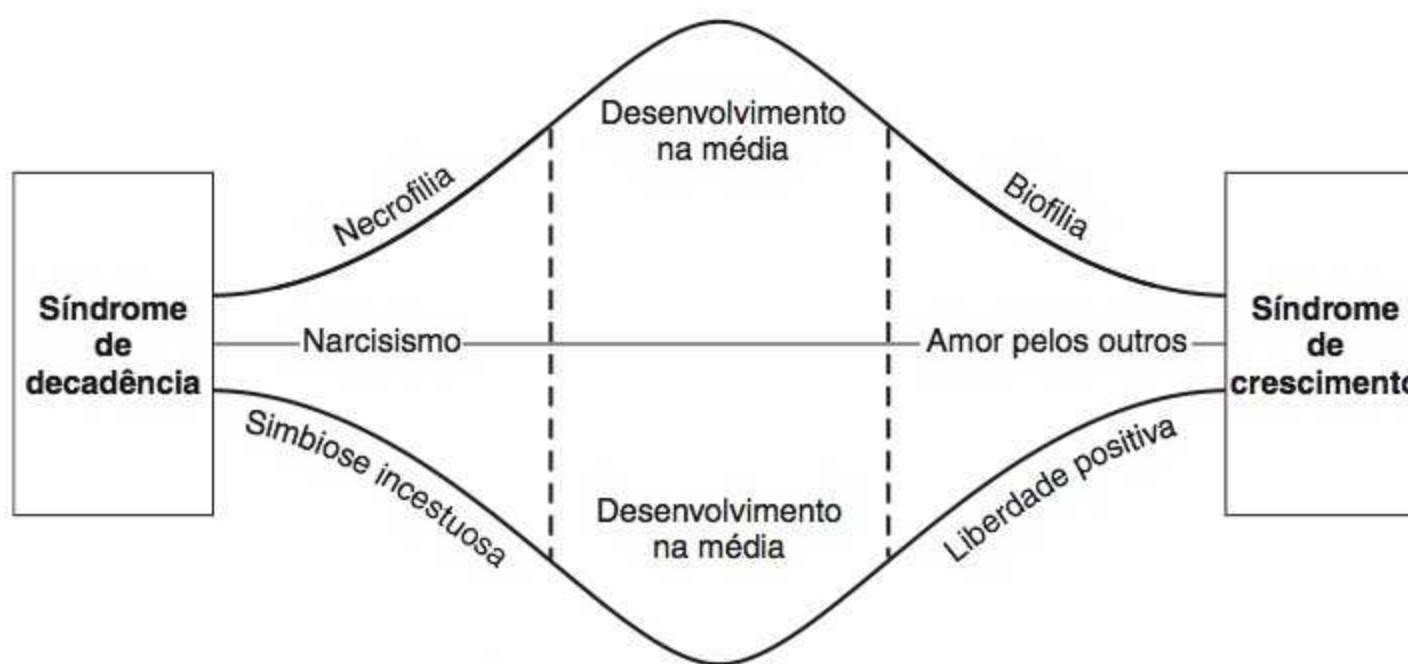


FIGURA 7.1 Três orientações patológicas – necrofilia, narcisismo e simbiose incestuosa – convergem para formar a síndrome de decadência, enquanto três orientações sadias – biofilia, amor pelos outros e liberdade positiva – convergem para formar a síndrome de crescimento. A maioria das pessoas possui um desenvolvimento na média e não é motivada nem pela síndrome de decadência, nem pela síndrome de crescimento.

desenvolvimento; a maioria das pessoas possui uma saúde psicológica na média.

PSICOTERAPIA

Fromm formou-se como freudiano ortodoxo, mas ficou entediado com as técnicas analíticas convencionais. "Com o tempo, passei a ver que meu tédio surgia porque eu não estava em contato com a vida de meus pacientes" (Fromm, 1986, p. 106). Ele, então, desenvolveu seu próprio sistema de terapia, o qual chamou de *psicanálise humana*. Comparado com Freud, Fromm era muito mais preocupado com os aspectos interpessoais de um encontro terapêutico. Ele acreditava que a finalidade da terapia é que os pacientes venham a se conhecer. Sem o conhecimento de nós mesmos, não podemos conhecer qualquer outra pessoa ou coisa.

Para Fromm, os pacientes procuram a terapia buscando a satisfação de suas necessidades humanas básicas: ligação, transcendência, enraizamento, sentimento de identidade e estrutura de orientação. Assim, a terapia deve ser construída sobre uma relação pessoal entre terapeuta e paciente. Como a comunicação precisa é essencial para o crescimento terapêutico, o terapeuta deve se relacionar "como um ser humano com outro, com absoluta concentração e sinceridade" (Fromm, 1963, p. 184). Nesse espírito de ligação, o paciente irá se sentir, mais uma vez, em unidade com outra pessoa. Ainda que *transferência* e *contratransferência* possam existir nessa relação, o ponto importante é que dois seres humanos reais estão envolvidos um com o outro.

Como parte da tentativa de atingir a comunicação compartilhada, Fromm pedia aos pacientes que revelassem seus sonhos. Ele acreditava que os sonhos, assim como os contos de fadas e os mitos, são expressos em linguagem simbólica – a única linguagem universal que os humanos desenvolveram (Fromm, 1951). Como os sonhos têm um significado que vai além do sonhador, Fromm pedia aos pacientes que fizessem associações com o material onírico. Nem todos os símbolos oníricos, no entanto, são universais; alguns são acidentais e dependem da disposição do sonhador antes de ir dormir; outros são regionais ou nacionais e dependem do clima, da geografia e do dialeto. Muitos símbolos possuem vários significados, devido à variedade de experiências associadas a eles. Por exemplo, o fogo pode simbolizar afeto e lar para algumas pessoas, mas morte e destruição para outras. Do mesmo modo, o sol pode representar uma ameaça para pessoas do deserto, mas crescimento e vida para indivíduos de climas frios.

Fromm (1963) acreditava que os terapeutas não deviam tentar ser científicos demais na compreensão de um paciente. Apenas com a atitude de ligação é que outra pessoa pode ser verdadeiramente compreendida. O tera-

peuta não deve considerar o paciente como um doente ou um objeto, mas como uma pessoa com as mesmas necessidades humanas que todos os indivíduos possuem.

MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO DE FROMM

Fromm reuniu dados sobre a personalidade humana a partir de muitas fontes, incluindo a psicoterapia, a antropologia cultural e a psico-história. Nesta seção, examinamos brevemente seu estudo antropológico da vida em uma vila mexicana e sua análise psicobiográfica de Adolf Hitler.

O caráter social em uma vila mexicana

No início da década de 1950 e se estendendo até a metade da década de 1960, Fromm e um grupo de psicólogos, psicanalistas, antropólogos, médicos e estatísticos estudaram o caráter social em Chiconcuac, uma vila mexicana que fica a 75 km da Cidade do México. O grupo entrevistou todos os adultos e metade das crianças nessa cidade agrícola de 162 moradias e cerca de 800 habitantes. As pessoas da vila eram principalmente fazendeiros que ganhavam a vida com pequenos lotes de terra fértil. Fromm e Michael Maccoby (1970) descreveram essas pessoas da seguinte forma:

Eles são egoístas, desconfiados das motivações uns dos outros, pessimistas quanto ao futuro e fatalistas. Muitos parecem submissos e autodepreciativos, embora tenham o potencial para rebelião e revolução. Eles se sentem inferiores às pessoas da cidade, mais ignorantes e com menos cultura. Existe um sentimento preponderante de impotência para influenciar seja a natureza, seja a máquina industrial que os pressiona. (p. 37)

Poderíamos esperar encontrar as orientações do caráter de Fromm nessa sociedade? Depois de viver entre os aldeões e obter sua aceitação, a equipe de pesquisadores empregou uma variedade de técnicas concebidas para responder a essa e a outras questões. Incluídas entre as ferramentas de pesquisa, encontravam-se entrevistas extensas, relatos de sonhos, questionários detalhados e duas técnicas projetivas: o Método das Manchas de Tinta de Rorschach e o Teste de Apercepção Temática (TAT).

Fromm acreditava que o *caráter mercantil* era produto do comércio moderno e que tinha maior probabilidade de ocorrer em sociedades onde a comercialização já não é mais pessoal e as pessoas se consideram produtos. Não é de causar surpresa que a equipe de pesquisa tenha descoberto que a orientação mercantil não existia entre esses camponeses.

Entretanto, os pesquisadores não encontraram evidências de outros tipos de caráter, sendo o mais comum o tipo *receptivo não produtivo*. As pessoas dessa orientação tendiam a admirar os outros e despendiam muita energia tentando agradar aqueles a quem consideravam superiores. Nos dias de pagamento, os trabalhadores que eram

desse tipo aceitavam a remuneração de forma servil, como se, de alguma forma, não a merecessem.

O segundo tipo de personalidade encontrado com mais frequência foi o caráter *acumulativo-produtivo*. As pessoas desse tipo eram trabalhadoras, produtivas e independentes. Em geral, cultivavam o próprio lote de terra e guardavam parte de cada colheita para semente e alimentação, para o caso de perda da colheita futura. A acumulação, em vez do consumo, era essencial para suas vidas.

A personalidade *exploradora não produtiva* foi identificada como uma terceira orientação do caráter. Os homens desse tipo tinham maior probabilidade de entrar em brigas com faca ou arma de fogo, enquanto as mulheres tendiam a ser fofoqueiras mal-intencionadas (Fromm & Maccoby, 1970). Apenas cerca de 10% da população era predominantemente exploradora, uma porcentagem surpreendentemente pequena considerando-se a extrema pobreza da comunidade.

Um número ainda menor de habitantes foi descrito como *explorador produtivo* – não mais do que 15 indivíduos em toda a vila. Entre eles, estavam os homens mais ricos e mais poderosos do local – indivíduos que tinham acumulado capital tirando vantagem da nova tecnologia agrícola, além de um aumento recente no turismo. Eles também tinham se beneficiado com os aldeões receptivos não produtivos, mantendo-os economicamente dependentes.

Em geral, Fromm e Maccoby (1970) relataram uma notável semelhança entre as orientações do caráter nessa vila mexicana e as orientações teóricas que Fromm havia sugerido alguns anos antes. Tal estudo antropológico, é claro, não pode ser considerado uma confirmação da teoria de Fromm. Como um dos investigadores principais do estudo, Fromm pôde apenas ter encontrado o que ele esperava encontrar.

Um estudo psico-histórico de Hitler

Depois de Freud (ver Cap. 2), Fromm examinou documentos históricos para delinejar o retrato psicológico de uma pessoa proeminente, uma técnica chamada de *psico-história* ou *psicobiografia*. O sujeito do estudo psicobiográfico mais completo de Fromm foi Freud (Fromm, 1959), mas Fromm (1941, 1973, 1986) também escreveu detalhadamente sobre a vida de Adolf Hitler.

Fromm considerava Hitler o exemplo mais evidente de uma pessoa com síndrome de decadência, apresentando uma combinação de necrofilia, narcisismo maligno e simbiose incestuosa. Hitler apresentava as três psicopatologias. Ele era atraído pela morte e pela destruição; estritamente focado nos próprios interesses; e impulsionado por uma devocão incestuosa à “raça” germânica, dedicando-se de modo fanático a impedir que seu sangue fosse poluído pelos judeus e por outros “não arianos”.

Diferentemente de alguns psicanalistas que procuram apenas na infância precoce indícios da personalidade futu-



Para Fromm, Adolf Hitler personificava a síndrome de decadência.

ra, Fromm acreditava que cada estágio do desenvolvimento é importante e que nada na vida pregressa de Hitler apontava inevitavelmente na direção da síndrome de decadência.

Quando criança, Hitler foi um tanto mimado por sua mãe, mas a indulgência dela não causou sua patologia posterior. No entanto, estimulou sentimentos narcisistas e de importância pessoal. “A mãe de Hitler nunca se tornou para ele uma pessoa a quem ele fosse amorosa ou ternamente vinculado. Ela era um símbolo das deusas protetoras e admiráveis, mas também a deusa da morte e do caos” (Fromm, 1973, p. 378).

Hitler foi um aluno acima da média na escola fundamental, mas um fracassado no ensino médio. Durante a adolescência, entrou em conflito com o pai, que queria que ele fosse mais responsável e se tornasse um funcionário público estável. Hitler, por sua vez, um tanto irrealisticamente, desejava ser artista. Também durante essa época, começou a se perder cada vez mais na fantasia. Seu narcisismo acendeu uma paixão ardente pela grandiosidade como artista ou arquiteto, porém a realidade o levou a repetidos fracassos nessas áreas. “Cada fracasso causava uma ferida narcísica mais grave e uma humilhação mais profunda do que a anterior” (Fromm, 1973, p. 395). Conforme seus fracassos aumentavam em número, ele foi ficando mais envolvido em seu mundo de fantasia, mais ressentido com os outros, mais motivado para a vingança e mais necrofílico.

A terrível percepção de Hitler do fracasso como artista foi atenuada pela deflagração da I Guerra Mundial. Sua ambição feroz podia, agora, ser canalizada para ser um grande herói de guerra lutando por sua terra natal. Apesar de não ter sido um grande herói, ele era um soldado responsável, disciplinado e zeloso. Após a guerra, no entanto, experimentou mais fracassos. Não só sua amada nação havia perdido, como os revolucionários dentro da Alemanha

haviam “atacado tudo o que era sagrado para o nacionalismo reacionário de Hitler, e eles venceram... A vitória dos revolucionários conferiu à destrutividade de Hitler a sua forma final e inextirpável” (Fromm, 1973, p. 394).

Necrofilia não se refere simplesmente ao comportamento; ela permeia todo o caráter de uma pessoa. E assim foi com Hitler. Depois que chegou ao poder, ele exigia que seus inimigos não se rendessem meramente, mas que também fossem aniquilados. Sua necrofilia era expressa na mania de destruição de prédios e cidades, nas ordens para matar pessoas “defeituosas”, no enfado e na chacina de milhares de judeus.

Outro traço que Hitler manifestava era o *narcisismo maligno*. Ele era interessado somente em si mesmo, em seus planos e em sua ideologia. Sua convicção de que poderia construir um “reich de mil anos” mostra um sentimento inflamado de importância pessoal. Ele não tinha interesse em ninguém a não ser que a pessoa estivesse a seu serviço. Suas relações com as mulheres careciam de amor e ternura; ele parece tê-las usado unicamente para o prazer pessoal pervertido, em especial para satisfação voyeurística.

De acordo com a análise de Fromm, Hitler também possuía uma simbiose incestuosa, manifestada por sua devação apaixonada não à sua mãe real, mas à “raça” germânica. Coerente com esse traço, ele também era sadomasoquista, introvertido e carecia de sentimentos de amor genuíno ou compaixão. Todas essas características, discutia Fromm, não faziam de Hitler um psicótico. Elas, no entanto, o tornavam um homem doente e perigoso.

Insistindo para que as pessoas não vissem Hitler como desumano, Fromm (1973) concluiu sua psico-história com as seguintes palavras: “Qualquer análise que distorça a imagem de Hitler, privando-o de sua humanidade, intensificaria a tendência a ficarmos cegos aos ‘Hitlers’ potenciais, a menos que eles tenham chifres” (p. 433).

PESQUISA RELACIONADA

Apesar de a obra de Erich Fromm ser estimulante e esclarecedora, suas ideias produziram pouca pesquisa empírica no campo da psicologia da personalidade. Uma razão para isso pode ser a abordagem ampla que Fromm adota. Em muitos aspectos, suas ideias são mais sociológicas do que psicológicas, uma vez que sua teoria trata da alienação da cultura e da natureza em geral, dois temas que costumam ser abordados mais em aulas de sociologia do que de psicologia. Isso não significa, no entanto, que tais temas amplos não sejam importantes para a psicologia da personalidade. Muito ao contrário, ainda que amplo e sociológico, o estranhamento da própria cultura é um tema que pode ser examinado no nível individual em estudos psicológicos e pode ter implicações para o bem-estar. Além disso, as ideias de Fromm sobre autoritarismo

levaram a investigações empíricas recentes, em particular à associação entre medo e crenças autoritárias.

Estranhamento da cultura e bem-estar

É importante lembrar que o tema central da teoria da personalidade de Erich Fromm envolve estranhamento e alienação: os humanos foram apartados do ambiente natural ao qual foram projetados para habitar e se distanciaram uns dos outros. Além do mais, de acordo com Fromm, a riqueza material criada pelo capitalismo forneceu tanta liberdade que muito honestamente não sabemos o que fazer com nós mesmos. Ironicamente, ansiedade e isolamento resultam de muita liberdade. Mark Bernard e colaboradores (2006) procuraram testar esses componentes centrais da teoria de Fromm pelo uso de medidas de autorrelato em uma amostra de universitários na Grã-Bretanha. De forma específica, os pesquisadores queriam testar se as discrepâncias entre as crenças de uma pessoa e a maneira como ela percebia as crenças de sua sociedade levavam ou não a sentimentos de estranhamento.

Setenta e dois participantes responderam um questionário, que consistia de diversos valores que tinham sido identificados por pesquisas prévias como presentes em muitas culturas diferentes (como a importância da liberdade, os bens materiais, a espiritualidade, entre outros). Em primeiro lugar, os participantes classificaram cada valor para o quanto ele era um princípio orientador em suas vidas e, então, classificaram os mesmos valores para o quanto cada um era um princípio orientador para sua sociedade. Administrar o questionário dessa maneira permitiu que os pesquisadores computassem até que ponto cada participante mantinha valores que eram diferentes de sua sociedade em geral. Em segundo, o estranhamento foi avaliado por meio do preenchimento de um questionário com itens que indagavam o quanto os participantes se sentiam diferentes de sua sociedade e até que ponto eles sentiam que não eram “normais” em sua cultura.

Os achados do estudo foram conforme o previsto. Quanto mais uma pessoa relatava que seus valores eram discrepantes da sociedade em geral, mais provável era que ela tivesse um forte sentimento de estranhamento (Bernard, Gebauer, & Maio, 2006). Isso não é de causar surpresa. Basicamente, se seus valores são diferentes dos de sua sociedade ou cultura, você se sente diferente e não normal. Isto também é precisamente o que prevê a teoria de Fromm. Quanto mais distante as pessoas se sentem daqueles que estão à sua volta em sua comunidade, mais provável é se sentirem isoladas.

Para testar melhor as ideias de Fromm, Bernard e colaboradores (2006) examinaram se o fato de ter um sentimento de estranhamento da própria cultura estava relacionado a sentimentos mais pronunciados de ansiedade

e depressão. Os mesmos participantes que preencheram as medidas de autorrelato das discrepâncias dos valores e do estranhamento também completaram uma medida de ansiedade e depressão. Como os pesquisadores previram, e como discute a teoria de Fromm, quanto mais estranhamento da sociedade as pessoas sentiam em geral, mais ansiosas e deprimidas elas eram. Apesar de o estranhamento da sociedade em geral ser prejudicial ao bem-estar, havia um tipo específico de estranhamento que era ruim para as pessoas. Aqueles que apresentavam um sentimento de estranhamento de seus amigos relatavam sentimentos pronunciados de ansiedade e depressão. Esse achado sugere que sentir estranhamento da sociedade em geral pode tornar as pessoas mais suscetíveis a sentimentos de depressão, mas tais sentimentos podem ser diminuídos se o indivíduo puder encontrar um grupo de pessoas que compartilham suas crenças, mesmo que elas não sejam as crenças da sociedade em geral. É particularmente prejudicial, no entanto, se as pessoas sentem estranhamento não só da sociedade em geral, como também daqueles que estão mais próximos delas.

Tomados em conjunto, esses achados apoiam claramente as ideias de Erich Fromm. A sociedade moderna nos proporciona inumeráveis conveniências e benefícios. Porém, essas conveniências têm um preço. Liberdade pessoal e um sentimento de individualidade são importantes, mas, quando essas forças levam as pessoas a estranharem sua comunidade, isso pode ser prejudicial a seu bem-estar.

Autoritarismo e medo

Fundamental para a teoria de Fromm (1941) é que a liberdade é, ironicamente, assustadora. Os indivíduos procuram fugir da liberdade por meio de mecanismos como o autoritarismo, a destruição ou a conformidade para atenuar o medo do isolamento. Logo depois da publicação de Fromm *Medo à liberdade*, os estudiosos interessaram-se particularmente pelo mecanismo de fuga autoritário. A ideia central por trás de *Medo à liberdade* é que as pessoas são atraídas por respostas absolutas e pela certeza, mesmo que associadas a ditadores autoritários, quando elas se sentem com medo e inseguras. Depois de Fromm, Adorno e colaboradores publicaram um livro intitulado *A personalidade autoritária*, em 1950, e esse trabalho estimulou uma grande quantidade de pesquisas, que continuam até hoje, sobre a questão do autoritarismo como uma orientação da personalidade. Entretanto, muito desse trabalho se desviou da conceitualização original de Fromm e focou os resultados do autoritarismo, incluindo preconceito e hostilidade.

Recentemente, no entanto, J. Corey Butler (no prelo, 2009) procurou reabrir a questão da relação entre medo e autoritarismo. Adorno (1950) postulou que o autoritarismo é a consequência de parentalidade excessivamente

severa durante a infância, levando a um sentimento generalizado de medo em relação ao mundo interpessoal. O trabalho de Butler, entretanto, é um esforço para confirmar a ideia de Fromm de que os sentimentos de impotência gerados pelo isolamento da sociedade "livre" moderna levam à submissão autoritária. Estudos sociológicos mostram, na verdade, que os grupos se voltam para o autoritarismo durante tempos de tensão econômica ou social (p. ex., Rickert, 1998), preferindo ordem e estabilidade. Coerente com a tese original de Fromm, Butler previu que, como os autoritários abandonam a autonomia e a liberdade pessoal em prol das normas culturais estabelecidas, aqueles com tendências de personalidade autoritária devem ter medo não de todas as situações interpessoais, mas particularmente do desvio e da desordem social. Ou seja, aqueles que desafiam as normas da ordem devem ser especialmente problemáticos para os autoritários.

Butler conduziu vários estudos para testar sua previsão. Em cada um, ele deu a universitários a Escala de Autoritarismo de Extrema Direita (RWA, Right Wing Authoritarianism Scale; Altemeyer, 1981), um instrumento de 22 itens com afirmações como: "Nosso país precisa desesperadamente de um líder forte que fará o que tem que ser feito para destruir as novas formas radicais e a licenciosidade que está nos arruinando", que os participantes classificam em termos de grau de sua concordância. No primeiro conjunto de estudos (2009), os universitários também classificaram o quanto temiam uma variedade de itens, situações ou circunstâncias. No segundo estudo (no prelo), foi feita aos universitários uma apresentação de *slides* com vários itens, incluindo animais, situações perigosas, pessoas diversas ou cenas de desordem social. Butler encontrou apoio para sua previsão em todos os casos. As diferenças sociais e a desordem social eram desproporcionalmente temidas em relação a outros medos por aqueles com alto escore em autoritarismo.

Parece, então, conforme Erich Fromm teorizou, que as ameaças políticas e sociais, e não as ameaças pessoais, estão mais fortemente relacionadas ao autoritarismo. Isso implica que a ideologia associada ao autoritarismo é um tipo de cognição social motivada. Butler (2009) levanta a hipótese de que certos estímulos culturais conduzem ao medo, que, por sua vez, cria a motivação para um sistema de crenças autoritário. O desvio e a desordem social, então, tornam-se particularmente ameaçadores para essas pessoas, que agora desenvolveram um estilo de vida mais convencional e restrito. Uma vez que o assim denominado comportamento desviante sugere que existem outras maneiras de viver, os autoritários se sentirão especialmente ameaçados por ele. E, de fato, como cultura, devemos ser vigilantes em tempos de in tranquilidade social ou econômica, como Fromm alertou, contra a fuga que o autoritarismo proporciona.

CRÍTICAS A FROMM

Erich Fromm foi talvez o ensaísta mais brilhante de todos os teóricos da personalidade. Ele escreveu belos ensaios sobre política internacional (Fromm, 1961); sobre a relevância dos profetas bíblicos para as pessoas hoje (Fromm, 1986); sobre os problemas psicológicos do envelhecimento (Fromm, 1981); sobre Marx, Hitler, Freud e Cristo; e sobre uma miríade de outros temas. Seja qual for o tema, no cerne de toda a obra de Fromm pode ser encontrada uma revelação da essência da natureza humana.

Assim como outros teóricos psicodinâmicos, Fromm tendeu a assumir uma abordagem global para a construção da teoria, engendrando um modelo grandioso e altamente abstrato que era mais filosófico do que científico. Sua visão da natureza humana toca um ponto sensível, conforme evidenciado pela popularidade de seus livros. Infelizmente, seus ensaios e argumentos não são tão conhecidos hoje como eram 50 anos atrás. Paul Roazen (1996) afirmou que, durante a metade da década de 1950, uma pessoa não podia ser considerada educada sem ter lido o livro de Fromm escrito com tanta eloquência, *Medo à liberdade*. Hoje, no entanto, os livros de Fromm raramente são uma leitura requisitada nos campi universitários.

Eloquência, é claro, não é igual a ciência. A partir de uma perspectiva científica, precisamos perguntar como as ideias de Fromm se classificam dentro dos seis critérios de uma teoria útil. Primeiro, os termos imprecisos e vagos de Fromm tornaram suas ideias quase estéreis como um gerador de pesquisa empírica. Na verdade, nossa busca dos últimos 45 anos de literatura de psicologia resultou em

menos de uma dúzia de estudos empíricos que testaram diretamente os pressupostos teóricos de Fromm. Essa escassez de investigações científicas o coloca entre os menos validados de forma empírica de todos os teóricos abordados neste livro.

Segundo, a teoria de Fromm é muito filosófica para ser refutável ou verificável. Quase todos os achados empíricos gerados pela teoria de Fromm (se existissem) poderiam ser explicados por teorias alternativas.

Terceiro, a amplitude da teoria de Fromm possibilita organizar e explicar muito do que é sabido sobre a personalidade humana. Sua perspectiva social, política e histórica proporciona tanto amplitude quanto profundidade para a compreensão da condição humana; porém, a falta de precisão de sua teoria dificulta a previsão e torna a refutação impossível.

Quarto, como um guia para a ação, o valor principal da obra de Fromm é estimular os leitores a pensarem de modo produtivo. Infelizmente, no entanto, nem o pesquisador nem o terapeuta recebem muita informação prática dos ensaios de Fromm.

Quinto, as visões de Fromm são internamente coerentes, na medida em que um único tema permeia toda a sua obra. No entanto, a teoria carece de uma taxonomia estruturada, um conjunto de termos definidos de forma operacional e uma limitação clara do escopo. Portanto, ela se classifica como baixa em coerência interna.

Por fim, como Fromm relutou em abandonar conceitos mais iniciais ou relacioná-los com suas ideias posteriores, sua teoria carece de simplicidade e unidade. Por essas razões, classificamos a teoria de Fromm como baixa no critério de parcimônia.



CONCEITO DE HUMANIDADE

Mais do que qualquer outro teórico da personalidade, Erich Fromm enfatizou as diferenças entre os humanos e os outros animais. A natureza essencial dos humanos reside na experiência única de “estarem na natureza e sujeitos a todas as suas leis e, ao mesmo tempo, transcenderem a natureza” (Fromm, 1992, p. 24). Ele acreditava que apenas os humanos têm consciência de si e de sua existência.

De forma mais específica, a visão de Fromm da humanidade é resumida em sua definição da espécie: “A espécie humana pode ser definida como o primata que surgiu naquele ponto da evolução em que o determinismo instintivo havia atingido um mínimo e o desenvolvimento do cérebro um máximo” (Fromm, 1976, p. 137). Os seres humanos, então, são aberrações da natureza, a única espécie a se desenvolver nessa combinação de poderes instintivos mínimos e desen-

volvimento cerebral máximo. “Não tendo a capacidade de agir pelo comando dos instintos, enquanto possui a capacidade de autoconsciência, pensamento e imaginação... a espécie humana precisava de uma estrutura de orientação e um objeto de devoção para sobreviver” (p. 137).

No entanto, a sobrevivência humana pagou o preço da ansiedade básica, da solidão e da impotência. Em todas as épocas e culturas, os indivíduos se defrontam com o mesmo problema fundamental: como fugir dos sentimentos de isolamento e encontrar a unidade com a natureza e com as outras pessoas.

De forma geral, Fromm era pessimista e otimista. Por um lado, ele acreditava que a maioria das pessoas não alcançaria uma reunião com a natureza ou com os outros seres humanos e que poucos indivíduos atingem a liberdade positiva. Ele também tinha uma atitude um tanto negativa em rela-

ção ao capitalismo moderno, que ele insistia ser responsável pelo sentimento de isolamento e solidão de muitas pessoas, enquanto se apegam desesperadamente à ilusão de independência e liberdade. Por outro lado, Fromm era esperançoso o suficiente para acreditar que algumas pessoas alcançarão a reunião e, portanto, realizarão seu potencial humano. Ele também acreditava que os humanos podem alcançar um sentimento de identidade, liberdade positiva e individualidade crescente dentro dos limites de uma sociedade capitalista. Em *Análise do homem* (1947), ele escreveu: "Estou cada vez mais impressionado pela... força dos esforços por felicidade e saúde que fazem parte do equipamento natural das [pessoas]" (p. x).

Na dimensão de *livre-arbítrio* versus *determinismo*, Fromm assumiu uma posição intermediária, insistindo que essa questão não pode ser aplicada a toda a espécie. Em vez disso, ele acreditava que os indivíduos possuem graus de inclinações para a ação livremente escolhida, muito embora raras vezes estejam conscientes de todas as alternativas possíveis. No entanto, sua capacidade de raciocinar possibilita que as pessoas tomem parte ativa no próprio destino.

Na dimensão da *causalidade* versus *teleologia*, Fromm tendia a favorecer a teleologia. Ele acreditava que as pessoas lutam constantemente por uma estrutura de orientação, um mapa, por meio do qual planejam suas vidas para o futuro.

Fromm assumiu uma postura intermediária referente à *motivação consciente* versus *inconsciente*, colocando um pouco mais de ênfase na motivação consciente e discutindo que um dos traços exclusivamente humanos é a *autoconsciência*. Os humanos são os únicos animais que podem raciocinar, visualizar o futuro e conscientemente lutar por objetivos de escolha pessoal. Fromm insistia, no entanto, em que a autoconsciência é uma faca de dois gumes e que muitas pessoas reprimem seu caráter básico para evitar a escalada da ansiedade.

No tema das *influências sociais* versus *influências biológicas*, Fromm colocava um pouco mais de importância no impacto da história, da cultura e da sociedade do que na biologia. Ainda que insistisse em que as personalidades humanas são histórica e culturalmente determinadas, ele não negligenciava os fatores biológicos, definindo os humanos como aberrações do universo.

Finalmente, ao mesmo tempo que conferia ênfase moderada às *similaridades entre as pessoas*, Fromm também deixava algum espaço para a individualidade. Acreditava que, apesar de a história e a cultura influenciarem fortemente a personalidade, as pessoas poderiam manter certo grau de singularidade. Os humanos são uma espécie que compartilha muitas necessidades, mas as experiências interpessoais ao longo da vida conferem a cada pessoa certa medida de singularidade.

Termos-chave e conceitos

- As pessoas foram apartadas de sua união pré-histórica com a natureza e também umas das outras e, no entanto, têm o poder do pensamento, da previsão e da imaginação.
- A *autoconsciência* contribui para sentimentos de solidão, isolamento e desamparo.
- Para fugir desses sentimentos, as pessoas se esforçam para se unirem às outras e à natureza.
- Apenas as *necessidades* exclusivamente humanas de ligação, transcendência, enraizamento, sentimento de identidade e estrutura de orientação podem mover as pessoas em direção a uma união com o mundo natural.
- Um sentimento de *ligação* impulsiona as pessoas a se unirem com outro indivíduo por meio da submissão, do poder ou do amor.
- *Transcendência* é a necessidade das pessoas de se elevarem acima de sua existência passiva e criarem ou destruírem a vida.
- *Enraizamento* é a necessidade de uma estrutura coerente na vida de cada pessoa.
- O *sentimento de identidade* dá à pessoa um sentimento de "eu" ou "mim".

- A *estrutura de orientação* é uma forma coerente de olhar para o mundo.
- *Ansiedade básica* é o sentimento de estar sozinho no mundo.
- Para aliviar a ansiedade básica, as pessoas usam vários *mecanismos de fuga*, em especial autoritarismo, destrutividade e conformidade.
- As pessoas psicologicamente sadias adquirem a *síndrome de crescimento*, a qual inclui: (1) *liberdade positiva*, ou a atividade espontânea de uma personalidade total integrada; (2) *biofilia*, ou um amor apaixonado pela vida; e (3) *amor* pelos semelhantes humanos.
- Outras pessoas, no entanto, vivem de modo não produtivo e adquirem as coisas *recebendo-as* de modo passivo, *explorando* as outras, *acumulando* coisas e *comercializando* ou trocando coisas, incluindo elas mesmas.
- Algumas pessoas extremamente doentes são motivadas pela *síndrome de decadência*, a qual inclui: (1) *necrofilia*, ou amor pela morte; (2) *narcisismo maligno*, ou fascínio pelo *self*; e (3) *simbiose incestuosa*, ou tendência a permanecer ligado a uma pessoa maternal ou a seu equivalente.
- O objetivo da psicoterapia de Fromm é estabelecer uma união com os pacientes, de modo que eles possam se unir novamente ao mundo.